

## ROTA 66: LICENÇA PARA MATAR

### 1 Os crimes da Polícia Militar de São Paulo

Nas décadas de 1960, 70, 80, e até mesmo 90, os brasileiros sobreviveram aos anos mais violentos já vivenciados pelo país. Nesse período, o Brasil enfrentou crimes violentos e não violentos e, especialmente nas capitais, conheceu um grande número de sequestros e assaltos. A força militar, empregada para coibi-los, foi brutal durante quase trinta anos. Mas nada foi tão terrível e ao mesmo tempo tão bem escamoteado como os crimes da Polícia Militar de São Paulo, a Rota, composta por policiais conhecidos por cometer crimes tanto contra bandidos, quanto contra cidadãos inocentes.

Para entender o contexto dessa situação, é preciso lembrar que no Brasil existem três brigadas: a Polícia Civil, a Polícia Militar e a Polícia Federal. A Polícia Civil é representada pelos policiais à paisana, que investigam crimes como assassinatos e tráfico de drogas e efetuam fiscalizações. Os Policiais Federais se encarregam de crimes de colarinho branco, controlam a imigração ao país, expedem passaportes e tratam de outros assuntos relacionados ao governo federal. E, por último, a Polícia Militar é a encarregada dos crimes pontuais e corriqueiros como assaltos, roubos e sequestros, alvo do trabalho de Barcellos.

Em 1992, Caco Barcellos, um jornalista investigativo, publicou um livro-reportagem intitulado *Rota 66*, que o tornou reconhecido no Brasil pela ousadia de denunciar a violência policial associando-a à história da ditadura militar no Brasil e dos regimes posteriores. Barcellos nasceu no Rio Grande do Sul, poucos anos antes da ditadura. Foi morador das vilas de Porto Alegre, vivendo na extrema pobreza e

conheceu os sistemas policiais por experiência própria. Quando a Polícia Militar veio ao seu bairro, destratou seus amigos e os agrediu, o que em parte o motivou a seguir o ofício de jornalista, primeiro no Rio Grande do Sul e, mais tarde, em São Paulo, onde sua carreira tomou grande impulso. Na introdução de *Rota 66*, Narciso Kalili compara Barcellos ao famoso jornalista sul-africano Donald Wood, caracterizando-o como “um jornalista que tem lado”, que sempre luta pela minoria, dando voz aos menos favorecidos, uma vez que estes são privados, muitas vezes, de falarem por si próprios, ou são simplesmente ignorados pela sociedade.

Os massacres protagonizados pela PM pareciam um pesadelo no cotidiano dos brasileiros dos anos 1970. Poucos viam os desmandos acontecer, mas muitos sabiam dos crimes da PM e pensavam que jamais sucederiam com eles. Além disso, as notícias sempre trataram os policiais assassinos como heróis da cidade, que defendiam o povo de jovens perigosos, ladrões e assassinos. Segundo pesquisa da equipe do jornal *Folha de São Paulo*, citada por Barcellos, os Policiais Militares da Rota e de outras brigadas da PM mataram mais que os soldados de todas as guerras na história do Brasil e mais que as melhores forças especiais durante a Segunda Guerra Mundial. E mataram muito mais que outra conhecida polícia brutal do Rio de Janeiro.

## **2 O romance-reportagem como resistência**

As ditaduras militares na América Latina acabaram com a democracia em muitos dos países da região, mas deram ocasião a formas de expressão inovadoras. No âmbito da arte, da literatura, cresceu o “romance reportagem”, um gênero no qual um jornalista se dedicava meses e anos pesquisando um tema para produzir uma reportagem extensa sobre temas contrários aos que os órgãos públicos ou a grande mídia promoviam (Cosson 2001). Faziam-se duras críticas sociais, assumindo muitas vezes pontos de vista alternativos ao que se falava nos meios públicos.

*Rota 66* transformou esse tipo de reportagem. Barcellos escreveu o livro pouco depois do fim da ditadura nos anos 1980 e foi elogiado pela coragem de levar a cabo essa pesquisa e produzir essa reportagem durante o tempo em que a Rota podia matar qualquer pessoa a seu arbítrio. *Rota 66* já foi descrito como “jornalismo compreensivo,” abrangendo tudo sobre um assunto vital para a vida de todos (Vieira e

Laranjeira 2004). O livro deu origem a vários projetos de romance reportagem, especificamente sobre a brutalidade policial no Brasil e na América latina (Human Rights Watch 1997; Lemburger; Musumeci; Cano 2003).

O livro se divide em três partes: “Rota 66”, “Os Matadores”, e “Os Inocentes. Barcellos começa descrevendo uma perseguição em alta velocidade na parte afluente de São Paulo. Esta passagem aborda a Rota 66, perseguindo três jovens ricos e brancos do bairro Jardim América. A introdução contradiz o restante do livro, em que os policiais geralmente só perseguem jovens negros e pardos, sendo a maioria das favelas paulistanas. Os jovens foram perseguidos por haverem supostamente fumado maconha. Chegam a algum lugar de onde não podem sair e são fuzilados. Essa primeira história assemelha-se às demais, em que raras vezes algum acusado sobrevive, e poucos chegam vivos ao hospital. O agravante em todos os casos é que poucas vezes há testemunhas presentes para contar a verdade da ocorrência.

A primeira parte do livro situa o problema, o ciclo, a sociedade e sua resposta a essa tragédia. Caco Barcellos examina com cuidado o *modus operandi* dos policiais. Destaca o processo de ocultação dos crimes: colocar as armas nas mãos dos mortos, como se estivessem envolvidos em um tiroteio que nunca ocorrera. Talvez o pior de tudo fosse a falta de julgamento dos assassinos e a corrupção no sistema médico, judicial e político que permitiu que quase todos os policiais criminosos escapassem de qualquer tipo de penalidade.

Na segunda parte do livro são apresentados os assassinos mais famosos da Rota, em geral promovidos no serviço policial por causa do número de pessoas que haviam matado. Construindo um Banco de Dados, com o repórter Daniel Annenberg, Caco Barcellos nos mostra a Lista de Dez – Os mais matadores da PM. Nesta lista estão policiais que haviam matado ao menos trinta pessoas cada um, e alguns que haviam fuzilado até cinquenta pessoas. A lista não inclui os policiais que estavam presentes só assistindo ao fuzilamento.

Nesses capítulos, o autor relata a vida de alguns desses assassinos famosos: como viveram, quais afiliações tinham fora do trabalho, e que métodos empregavam para praticar seus crimes e ao mesmo tempo provar sua inocência. Os PMs do Estado

de São Paulo não possuíam muita renda. Um PM que começava na brigada ganhava pouco mais que 100 dólares ao mês. Todos faziam o que podiam para serem promovidos no trabalho e subir no ranque do serviço.

Os PMs que mais matavam também trabalhavam juntos a maior parte do tempo. Os nomes dos “campeões” e dos “modelos” sempre ressurgem na narração. Os “melhores” matadores da Rota criaram um sistema para matar como precisavam, para esconder as marcas ou os corpos, e para fazer desaparecer testemunhas quando lhes convinha. Esses matadores muitas vezes tinham fortes ligações com os lojistas de seus bairros, os prefeitos dos municípios, e os habitantes mais ricos da cidade. Barcellos insinua que houvesse teria havido um tipo de “segurança privada” pago por esses membros da sociedade, que não queriam os moradores das favelas causando-lhes qualquer problema. Tal fato torna-se evidente com o crescimento de um dos Matadores Campeões “Top 10”, quando ele concorre para Deputado Estadual, e é eleito com facilidade.

Por fim, na terceira parte do livro, “Os Inocentes”, o autor fala sobre os que morreram e seus familiares. Nem todas as vítimas eram inocentes: na verdade, a maioria não era. Eram criminosos, e tinham de ser presos pelos policiais. Mas nenhum deles merecia a pena de morte sem julgamento. Não importa o crime, os acusados deveriam ter o direito de comparecer à frente do sistema jurídico para explicar sua situação, para se defenderem. Os PMs da Rota não permitiam isso. Eles matavam quem quisessem matar.

“Os Inocentes” narra a vida das famílias afetadas pelas mortes de seus entes queridos. A PM matava amigos, netos, maridos, filhos, pais, conhecidos etc., etc. Os mortos por causa da violência policial dessas décadas em São Paulo tinham pessoas que lhes importavam muito, as quais convivem até hoje com a realidade de que nunca terão seus familiares de volta das “mãos da Rota”.

Um dos últimos capítulos fala de Pixote, um rapaz de favela que se tornou famoso por causa de um filme que protagonizou sobre a vida na rua. Ele se envolveu em uma perseguição com os policiais armados da Rota certa noite nos anos 1980. Ao final, os policiais o mataram. Após apenas uma semana de investigação, ficou evidente que Pixote não praticara nenhum crime. Esse foi um dos momentos mais difíceis para os assassinos da PM porque o assunto veio a público e causou muita indignação.

### 3 A importância da reportagem hoje

Mesmo que seja um livro dos anos 1990, a investigação do Caco tem muita relevância nestes dias. A violência policial continua no Brasil, piorando com a situação econômica em declínio.

Nos últimos anos, o Brasil se tornara um país importante no mundo, econômica e socialmente. Os governos dos anos 2000 e 2010 transformaram o Brasil num país poderoso, convidando o mundo para suas grandes cidades a fim de participar na Copa do Mundo de 2014 e nos Jogos Olímpicos de 2016. Não é necessário falar da importância da imagem do país enquanto anfitrião de eventos esportivos desse porte. Entretanto, essa imagem piorou nesse período, em parte pela atenção despertada pela violência policial usual no país (Human Rights Watch 2016).

Grandes publicações internacionais, como *The New York Times* e *The Economist*, reportaram sobre a violência policial no Brasil, comparando-a com a situação nos EUA. Mesmo que a violência policial nos EUA seja notícia mundial a cada semana nos últimos anos, não é nada se comparada ao massacre que está ocorrendo no Brasil (Romero e Barnes 2015). Os EUA — um país que mantém bons registros a esse respeito — mata mais ou menos mil pessoas por ano pela sua polícia (Romero e Barnes 2015). Em contraste, o Brasil, um país de 100 milhões a menos de pessoas, mata o dobro: 2000 pessoas mais o menos por ano. Ademais, a violência sobe durante tempos de grandes eventos como a Copa e os Jogos e de mudança econômica e política (Human Rights Watch 2016).

Não somente o número de assassinatos continua o mesmo desde o tempo da reportagem de Caco Barcello: o modus operandi não foi alterado. Os policiais seguem pondo armas nas mãos dos que matam para se isentarem de acusações (Romero e Barnes 2015) e seguem atirando nas pessoas de cor e nos pobres (Human Rights Watch 2016). E as investigações continuam malfeitas e ignoram a causa do assassinato, resultando em tiroteios extrajudiciais (*The Economist* 2014).

O único fato que parece ter mudado é a maneira como a população recebe a informação dessas matanças. Em 1992 e nos anos anteriores, as comunidades falavam

entre si dos massacres, e as reportagens de Caco Barcellos e de outros bravos jornalistas divulgavam a verdade ao mundo. Agora, temos a vantagem das mídias, nas quais é possível recuperar vídeos e extrair fotos para compartilhar com a sua rede social, sua cidade, seu país e o mundo. Isso ocorreu nos casos de Cláudia (2014) e Eduardo (2015), que originaram desculpas do governador de São Paulo e da Presidente da República, trazendo à atenção internacional a situação (The New York Times 2015).

Se o Brasil quiser se tornar um país bem visto, e não sofrer com a mídia que divulga a violência de seu próprio serviço policial, é preciso pensar na continuidade da situação desde o tempo da publicação do livro de Barcellos, e conhecer a história dessas práticas para mudá-las. O livro de Caco Barcellos é essa história.

#### **4 A reação dos envolvidos**

Nos anos 1990, logo depois de ser publicado, o livro foi muito criticado pelos atingidos pela denúncia. Muitos dos que tinham poder no país, e especialmente na cidade de São Paulo, haviam sido mencionados na obra: agentes da ROTA, deputados, homens de negócios, e outros, o que determinou que o autor tivesse de sair do Brasil e morar mais de um ano no exterior, fugindo das autoridades que haviam impetrado ações na justiça contra ele (Human Rights Watch 1997). Essas mesmas pessoas seguem sendo poderosas na política brasileira, como os membros da Bancada da Bala no Congresso Nacional (The New York Times 2015).

Na opinião desses críticos comprometidos, o livro não mostra os dois lados da história. Alega-se que a investigação foi desenvolvida com a intenção de buscar só os casos de morte que demonstravam a tese de que os policiais estavam matando jovens de classe média (Moura 2001). Policiais e seus partidários afirmam que era raro jovens serem mortos em São Paulo, e que, caso acontecesse, era porque os próprios agentes da lei estavam numa posição em que teriam de usar a violência para evitar perigos pessoais. Diziam que é bem fácil mostrar o lado da vítima (do mais fraco) sendo jornalista, olhando de fora, e não estando diretamente sob tiroteio (Lemgruber et al. 2003).

Entretanto, a maior parte da crítica foi altamente positiva no país, espalhando-se pelo mundo inteiro. A prosa forte, revoltante e esclarecedora mereceu o grande Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, em 1993, na categoria Reportagem (Prêmio Jabuti 2012). Segundo a Human Rights Watch, a reportagem foi uma das melhores em mostrar a realidade da brutalidade policial na América Latina nas últimas décadas (Human Rights Watch 1997).

O livro de Caco Barcellos é talvez o melhor testemunho histórico da violência da Polícia Militar nos anos da ditadura e nos anos posteriores no Estado de São Paulo, embora sua investigação possa ser acusada de parcial em favor das vítimas. Como Barcellos, hoje os mais famosos jornalistas, como Nicholas Kristof, Thomas Friedman, e outros, escrevem colunas de informação-opinião. Fazem jornalismo de reportagem, mas assumem posições pessoais na imprensa. Esse estilo, escreveu Bernardo Kucinski, vem do romance-reportagem que surgiu durante as ditaduras militares na América Latina inteira. O que fez Caco Barcellos foi investigar e reportar um caso muito grave na cidade mais populosa da região, ao risco de sua própria vida. E, embora amenizada, a questão por ele levantada não acabou.

**Justin Fish**

University of Ottawa

#### **TRABALHOS CITADOS**

AMNESTY INTERNATIONAL. *Brazil: Surge in killings by police sparks fear in favelas ahead of Rio Olympics*. 27 April 2016.

BARCELLOS, Caco. *Rota 66: a história da polícia que mata*. São Paulo: Editora Globo, 1992.

BICUDO, Helio Pereira. *Meu depoimento sobre o esquadrão de morte*. São Paulo: Pontifícia Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, 1976.

COSSON, Rildo. *Romance reportagem: o gênero*. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HUMAN RIGHTS WATCH. *“Good Cops Are Afraid”: The Toll of Unchecked Police Violence in Rio de Janeiro*. 7 July 2016.

HUMAN RIGHTS WATCH / AMERICAS. *Police Brutality in Urban Brazil*. New York: Human Rights Watch, 1997.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

LAVORATI, Carla; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. “O Romance Reportagem e a Crítica Social.” UNICENTRO.

LEMGRUBER, Julita; MUSUMECI, Leonarda; CANO, Ignacio. *Quem vigia os vigias?* Um estudo sobre controle externo da polícia no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

MOURA, Sandra Regina. O jornalismo investigativo e a crítica genética. *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*, 2001.

<http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF%2001.html>. Acesso em: 28 de abril de 2012.

PRÊMIO JABUTI. <<http://www.cbl.org.br/jabuti/>>. Acesso em: 23 de abril de 2012.

ROMERO, Simon; BARNES, Taylor. *Despair, and Grim Acceptance, Over Killings by Brazil's Police*. The New York Times. 21 May 2015. <<http://www.nytimes.com/2015/05/22/world/americas/police-killings-brazil-rio.html>>.

THE ECONOMIST: AMERICAS VIEW. *Police violence in Brazil: Serial killing*. 20 March 2014.

VIEIRA, Luciana; LARANJEIRA, Álvaro Nunes. O romance-reportagem como a matriz de um novo gênero jornalístico: o jornalismo compreensivo. *Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação*: 2004.

<<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/c/c6/GT1Texto003.pdf>.>